

BETAR & ARTES LETRAS

#139 | MARÇO | 2022

o poder do cão

a não perder, um dos filmes
candidatos ao oscar, no cinema,
ou em casa na netflix

B
Betar

B Desde 1973
na vanguarda
da engenharia

Ponte de Tete, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Uma panóplia de bons eventos culturais é o que se pode esperar do mês de março. Para começar, há um concerto para oboé, assinado por W. A. Mozart, interpretado por Sally Dean e José Pereira, no Museu Nacional dos Coches, em Lisboa. No Coliseu do Porto, os Capitão Fausto vão tocar o primeiro álbum “Gazela”, envolvido com algumas das restantes canções que têm vindo a fazer. Ainda no norte, estreia um novo festival de música: Maia Compact Records Fest’22, com nomes como The Gift, The Human League, Herman José, UHF, Taxi, The Last Internationale, Orchestral Manoeuvres in the Dark (OMD), Editors, DEUS, Mão Morta e Legendary Tigerman. E ao CCB, está de regresso Artur Pizarro para um recital de piano. No teatro, a peça “Selvagem” aborda a temática do uso de máscaras, de tempos ancestrais aos dias de hoje; e “Fantasmas” problematiza grandes questões como o peso da opinião pública, o conservadorismo religioso, o preconceito, etc. Quanto a exposições, “Last Folio”, patente no Museu Berardo, apresenta imagens únicas e intensas sobre o Holocausto; e no Teatro Nacional Dona Maria II, em “Cornucópia”, nove artistas de diferentes disciplinas apresentam uma performance musical sobre os seus passados. O filme que destacamos é um dos nomeados para a categoria de Melhor Filme, nos Óscares deste ano: “O poder do cão” de Jane Campion. O entrevistado desta edição é o arquiteto Paulo Perloiro, do Promontório, a quem agradecemos a disponibilidade em nos contar histórias do seu percurso profissional.

EDITORIAL

Sérgio Mártires

edidor convidado

BETAR

A BETAR participou no projeto de renovação e ampliação do Campera Shopping, do atelier Promontório, que pretende incentivar a sua revitalização



A renovação e ampliação do Campera Shopping começou pela execução de um novo edifício para Foodcourt, que permite ter um espaço climatizado de refeições e melhorar a ligação do estacionamento ao edifício principal, especialmente ao nível do piso superior, incentivando a sua revitalização. Estruturalmente constitui-se por fundações por estacas de 50cm, com maciços de fundação unidos por vigas de fundação, quando indispensáveis. Na zona de elevada concentração de infra-estruturas, foi necessário adotar uma solução por micro-estacas; o piso elevado é em betão armado, com laje maciça de 0.22m, apoiada em vigas com 1m, e pilares com 50cm por 50cm; e a cobertura em estrutura metálica, tem treliças que apoiam alternadamente, zonas altas intercaladas com zonas baixas, para formarem uma cobertura tipo shed, com chapa nervurada apoiada em madres transversais às treliças.

Ampliação e Renovação do Campera Shopping, Carregado, Alenquer

Arquitetura:
Promontório Architects
Ano: 2019-2021

À CONVERSA COM



Arq. Paulo Perloiro

“A profissão de arquiteto começou no dia do primeiro trabalho da faculdade [...] O atelier era um lugar de convívio intelectual e de discussão... durante alguns anos, foi uma espécie de internato de arquitetura... uma casa-atelier”

ARQ. PAULO PERLOIRO

Como começou o interesse pela arquitetura?

O meu interesse pela arquitetura começa ainda em criança, um interesse inconsciente, baseado na realidade construtiva dos edifícios que uma criança consegue apreender. Interesse que foi evoluindo das construções à escala do brinquedo para a construção real de espaços lúdicos como a casa na árvore ou o abrigo do grupo. Na adolescência essa dimensão da construção foi-se tornando mais consciente à medida que passei a ter contacto com as obras reais, através de visitas que fazia com o meu pai (engenheiro civil). Foi nesta fase que percorri as obras da 2ª circular, Praça de Espanha, Ponte de Foz Côa, Ponte do Ardila e muitas outras. A dimensão das obras e dos estaleiros representavam uma mudança de escala em relação à casa na árvore. A sua materialidade teve, nesta fase, um efeito aglutinador de experiências: a descoberta da dimensão do território, a topografia do local, a geologia e os fosséis, a magia da composição do betão armado, a cofragem, a obra construída. A influência do meu pai foi determinante nesta tomada de consciência. Sempre olhei para a construção mais pelo lado do desenho do que pelo lado da técnica e, tendo estudado história de arte no secundário, acabei por descobrir a arquitetura enquanto disciplina. A profissão de arquiteto começou no dia do primeiro trabalho da faculdade.

Como é que 4 jovens arquitetos decidem fundar um atelier?

O atelier começou por ser um espaço de trabalho para o desenvolvimento dos projetos académicos. Era, antes de mais, um lugar de convívio intelectual e de discussão sobre arquitetura. Uma experiência de tal forma abrangente que, durante alguns anos, foi simultaneamente o local onde vivíamos, uma espécie de internato de arquitetura onde, longe das famílias, tínhamos uma imersão total nos temas da arquitetura. Nessa casa-atelier aconteciam discussões entre estudantes de arquitetura mas também tertúlias alargadas a outros temas e com outros intervenientes. Neste atelier foram feitos os trabalhos de curso e os primeiros trabalhos profissionais, sem ser possível determinar onde acabavam uns e começavam outros. Foi neste convívio integral de casa-atelier que o PROMONTORIO se formou.

Como surgiu a área do retail no seu percurso?

Um ano depois de terminar o curso fui convidado, por um colega mais velho, a integrar a equipa da Sonae Imobiliária. Foi aí que trabalhei no projeto do Colombo e conheci a área de retail. Tratava-se de uma tipologia de projeto desprezada pela generalidade dos arquitetos e isso despertou a minha curiosidade. Contactei com arquitetos de retail de todos os países e de todos os mercados e aprendi a identificar os fatores de sucesso e de fracasso. Nessa altura, o PROMONTORIO, enquanto atelier, fazia o seu caminho paralelo a estas experiências profissionais dos sócios e, uma vez adquirido o conhecimento sobre retail, estávamos



aptos a trabalhar nesta área. Foi neste contexto que trabalhei nos projetos do Vasco da Gama, Ubbo, Guarda, Ovar, Norte Shopping, Algarve, e num sem número de shoppings no Médio Oriente.

Quais as principais diferenças e o que mais ganhou com essas experiências no estrangeiro?

As principais diferenças no desenvolvimento dos projetos entre a Europa e o Médio Oriente são sobretudo culturais. O modo como olhamos para a arquitetura e para o urbanismo são radicalmente diferentes. Os povos do Médio Oriente romperam, mais do que quaisquer outros, com as suas raízes e as suas tradições, e os edifícios são sobretudo expressão individual de um status social. Neste contexto a integração urbana e o cuidado com o espaço público são irrelevantes. No Médio Oriente a inexistência de um business plan para o investimento torna-se um obstáculo para o projeto, uma vez que não há uma necessidade calculada de retorno. Os projetos acabam por depender mais de caprichos individuais do que de decisões racionais de investimento. Outra grande dificuldade foi encontrar consultores de engenharia tecnicamente competentes. O mundo está repleto de engenheiros curandeiros e de professores Karamba. Ao fim de várias experiências

frustradas acabámos por encontrar, no Líbano, uma equipa de engenharia competente e séria.

Por falar de engenheiros, a BETAR tem sido uma parceira à altura?

A BETAR tem sido um parceiro muito importante para o PROMONTORIO sobretudo porque os seus engenheiros compreendem a necessidade de pensar cada projeto como se fosse único. Ajudam-nos a procurar soluções específicas, baseadas nos princípios da engenharia, e não em receitas genéricas de “misturar com água e tomar depois das refeições”!

Qual a sua opinião sobre a questão da sustentabilidade?

A sustentabilidade tem que ser intrínseca ao desenho arquitetónico, tem que fazer parte estruturante da construção e não deve depender de sistemas tecnológicos que se tornam obsoletos à passagem de cada década. A legislação que respeita à sustentabilidade foca-se sobretudo em aspetos extrínsecos à arquitetura e à própria construção. Recomendações que são interpretadas como proibições pelas entidades e um emaranhado de regulamentos contraditórios entre si e, muitas vezes, contrários aos princípios da sustentabilidade.

SUGESTÕES

TEATRO



Selvagem

Desde tempos ancestrais que o uso de máscaras marca momentos e personagens. Nos últimos dois anos, Marco Martins e a sua equipa visitaram grupos de aldeões que mantêm estes rituais. A partir desta investigação, “Selvagem” mapeia a complexidade inerente à multiplicação e interseção de identidades e faz uma extrapolação para a atualidade. Qual o significado atual da máscara? Somos cada vez mais uma sociedade de máscaras, onde as pessoas se escondem atrás de um mundo virtual. Vivemos num quotidiano repleto de aplicações que permitem transformar a imagem, esbatendo a linha entre rostos e máscaras. **ENTRE 25 E 27 DE MARÇO**

Culturgest Lisboa
Encenação: Marco Martins
Interpretação: elenco não profissional de Itália e Portugal

TEATRO

Fantasma

No seu tempo, Ibsen problematizou grandes questões com que nos confrontamos ainda hoje. Numa casa assombrada uma mãe, Helena Alving, recebe o filho, que regressa com uma doença grave e quer morrer de forma assistida. A ação decorre entre o fim de tarde e o amanhecer do dia seguinte. Pelo caminho há papéis para assinar, um seguro que não se faz, o peso da opinião pública, traições, acusações, má-língua, conservadorismo religioso, enganos, preconceito, cobardia, amores por cumprir... o quotidiano...

“Fantasma” podia ser uma peça sombria, mas nas mãos de Rita Lello é o confronto entre a verdade e a moral estabelecida, com algum humor.

ATÉ 13 DE MARÇO



A Barraca
Encenação: Rita Lello
Interpretação: João Teixeira, Rita Lello, Rúben Garcia, Sérgio Moras, Teresa Mello Sampayo

Uma panóplia de bons eventos culturais é o que se pode esperar do mês de março. A Artes&Letras enumera alguns dos que nos pareceram mais interessantes. A escolha é sempre sua



ARTES

Last Folio

Yuri Dojc e Katya Krausova nasceram na antiga Checoslováquia. Quando iniciaram este projeto, viviam há quase 40 anos fora do seu país. Yuri era um fotógrafo consagrado e Katya era uma cineasta de sucesso. Os seus destinos cruzaram-se pelo interesse comum em aprofundar a história do Holocausto. Viajaram durante dez anos por uma Eslováquia arrasada pela guerra à procura de memórias de judeus sobreviventes. As imagens que apresentam em “Last Folio” são imagens únicas, autênticas e intensas, tão belas quanto trágicas. São os últimos testemunhos de uma cultura, da história de um povo, retratos de sobreviventes e um filme que mostram as cicatrizes da tragédia nazi. “Last Folio” é, sem dúvida, uma experiência dolorosa e profunda e um espaço de meditação. **ATÉ 29 DE MAIO**

Museu Berardo, Lisboa

MÚSICA



Oboé com Mozart

DIA 5 DE MARÇO NO MUSEU NACIONAL DOS COCHES, LISBOA

A oboísta Sally Dean e o violinista José Pereira abraçam, neste projeto, o único concerto para oboé assinado por W. A. Mozart. Sally juntou-se à Orquestra Metropolitana de Lisboa em 2004 como “Chefe de Naípe”, e José Pereira formou-se na Academia da Metropolitana e venceu o Prémio Jovens Músicos 2004.

Capitão Fausto

DIA 17 DE MARÇO NO COLISEU DO PORTO

Há dez anos estavam a apresentar o primeiro álbum. Desde então viajaram, tocaram e tiveram o privilégio de fazer sempre aquilo que mais gostam. No Porto, os Capitão Fausto vão tocar o “Gazela”, de ponta a ponta, num abraço nostálgico, envolvido com algumas das restantes canções que têm vindo a fazer.



Maia Compact Records Fest'22

18 A 20 DE MARÇO NO COMPLEXO DESPORTIVO DA MAIA, PORTO

O Norte estreia um festival de música em 2022. Na abertura estarão: The Gift, The Human League, Herman José e Dj's d'O Batô. No dia 19 sobem ao palco UHF, Taxi, The Last Internationale e Orchestral Manoeuvres in the Dark (OMD). E para o encerramento: Editors, DEUS, Mão Morta e Legendary Tigerman.

Artur Pizarro

DIA 20 DE MARÇO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

O pianista Artur Pizarro está de regresso ao CCB para um recital de piano. Músico reconhecido pela sua mestria interpretativa, e premiado nacional e internacionalmente, Pizarro irá contar com alguns convidados especiais, como o pianista Rinaldo Zhok, a violoncelista Irene Lima e o violinista Pedro Meireles.



PERFORMANCE

Cornucópia

Nove artistas de diferentes disciplinas (como dança, teatro, música e vídeo), e de diversas origens culturais, respondem ao convite de Jorge Andrade para cruzarem os seus passados familiares ou genéticos, por forma a descobrirem o que os une, tudo o que têm em comum e partilham. Migrações forçadas, explorações coloniais, possivelmente guerras, mas também acordos de paz e histórias de amor...

No contexto de uma festa popular, “Cornucópia” é uma performance musical e coreográfica global, híbrida. Uma etnia inventada com grande abundância cultural. Com interpretação de André Cabral, Bruno Huca, Clélia Colonna, DRVGBY, Francisca Pinto, Gonçalo Cabral, Jorge Andrade, Lewis Seivwright e Odete, esta performance segue, no dia 25 de Março, para Paris, onde será apresentada no Centre Pompidou. **DE 17 A 20 DE MARÇO**

Teatro Nacional
Dona Maria II, Lisboa



O poder do cão

Baseado no romance com o mesmo nome de Thomas Savage, “O poder do cão” é um dos nomeados para a categoria de Melhor Filme, nos Óscares deste ano. Teve estreia mundial no 78.o Festival Internacional de Cinema de Veneza e foi lançado recentemente na Netflix.

A história passa-se em 1925, portanto é mais contemporânea do que os clássicos filmes do faroeste. Ainda assim, o enredo comporta um embate típico: de um lado, George (Jesse Plemons), gentil e de poucas palavras, do outro o impetuoso Phil (Benedict Cumberbatch). George e Phil são irmãos, criadores de gado, responsáveis por administrar a fazenda dos pais em Montana, mas com visões completamente distintas sobre a vida, os negócios, o passado e os afetos. É nos quinze minutos finais que o público é apanhado desprevenido com uma reviravolta sombria.

Realização:
Jane Campion
Com: Benedict
Cumberbatch, Kirsten
Dunst, Jesse
Plemons, Thomasin
McKenzie e Kodi Smit-
McPhee

MOÇAMBIQUE

ARTES

Exposição Permanente Museu de História Natural de Maputo

O Museu de História Natural de Maputo é uma instituição nacional, integrada na Universidade Eduardo Mondlane, que tem como missão a investigação, a conservação e a educação da sociedade sobre a fauna de Moçambique. Entre os seus projetos, destaque para a recuperação das coleções e a organização e disponibilização da informação a elas associada. O museu persegue objetivos de preservação e valorização das suas coleções de história natural, na investigação, na realização de exposições e outras ações de caráter científico, educativo, cultural e de lazer.



ARTES



Exposição Permanente Museu Nacional de Arte, Maputo

O Museu Nacional de Arte de Maputo, apesar de não ter uma grande dimensão, comporta várias obras de artistas moçambicanos. A exposição permanente apresenta vários trabalhos de arte regionais e tradicionais, a um preço perfeitamente acessível. Um local apazível, que tem como missão promover a curiosidade e a compreensão pública sobre a arte e cultura moçambicanas, e preservar as obras e o património material histórico. São também promovidas ações expositivas temporárias, de caráter educativo e de lazer, dirigidas a vários grupos sociais e etários.



VIAGEM

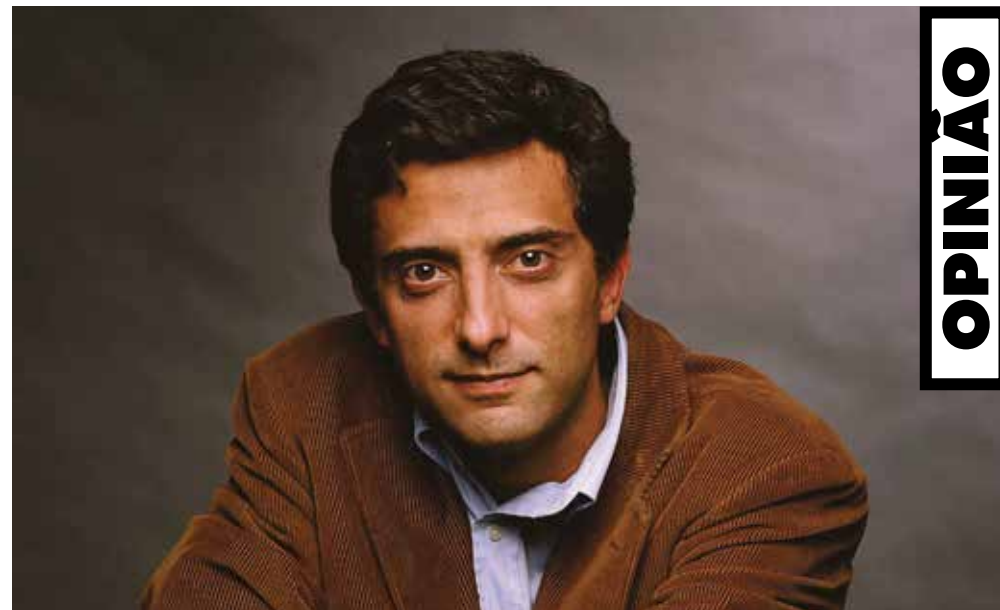
Pequim: Inigualável!

Já foi em 2011 que visitei a China mas recordo-me muito bem do ambiente e do que mais me marcou. De fora, poder-se-á pensar que é uma confusão, com cidades repletas de pessoas, venda de produtos contrafeição, comida estranha... E na verdade, essa imagem é a mais pura realidade, mas tudo isso é extraordinário, enquanto experiência!

Vou descrever apenas a capital. Pequim tem mais de 20 milhões de habitantes, mas extremamente organizados e metódicos – um caos controlado. Em algumas estações de metro, funcionários empurram os passageiros para as carruagens - apenas por uma questão logística. Nos mercados de rua, é a comida que fica na memória e, no geral, é deliciosa. Em relação aos bichos estranhos, expostos em algumas bancas, não provei – acho eu – só sei que dão muita cor às fotografias.

Mas o que mais impressiona na cidade é o património. Palácios magníficos, templos imponentes, amplos parques onde os chineses dançam e fazem exercício... Bem no coração da cidade, localiza-se a Praça de Tiananmen, com quase 44 hectares. A Cidade Proibida é outro marco cultural único. Os 980 edifícios, de típica arquitetura tradicional, foram o palácio imperial durante várias dinastias, acolhendo atualmente um museu. E o Palácio de Verão, junto ao Lago Kunming, está rodeado por um jardim fabuloso. Relativamente perto, fica a famosa Muralha da China, ou melhor, uma parte dela, porque tem 8850 quilómetros de extensão. Absorver aquela dimensão lá de cima é indescritível. Por tudo isto e muito mais, vale muito a pena visitar Pequim, é uma experiência inigualável.

por Cátia Teixeira



OPINIÃO

Quando Lisboa tremeu

Na altura que li a obra “Quando Lisboa tremeu”, não conhecia Domingos Amaral. Gostei muito da fluidez da escrita, das descrições e da forma como nos transporta para o tempo da história e nos faz sentir cada momento.

Tudo acontece em Lisboa, no dia 1 de Novembro de 1755. O autor começa por apresentar cada personagem: a irmã Margarida, jovem freira condenada a morrer na fogueira; Hugh Gold, um capitão inglês; um rapaz que quer voltar a casa para ir buscar a irmã gêmea; o pirata Santamaria...

De repente, a terra começa a tremer com enorme violência e instala-se o mais profundo caos. Uma onda gigante, incêndios, edifícios totalmente destruídos, formam um cenário devastador. É a partir daqui que as personagens que, aparentemente, nada tinham a ver umas com as outras, se cruzam, de forma inesperada. Perdidos e sem destino, vagueiam pelas ruas à procura de salvação. Um pirata e uma freira tentam fugir à justiça, um inglês faz de tudo para encontrar o seu dinheiro e um rapaz de doze anos desespera para encontrar a sua irmã gêmea nos escombros.

Nesta obra, o autor guia-nos por vários locais de Lisboa após o terramoto de 1755, numa belíssima descrição, através da vida de cinco pessoas totalmente diferentes.

Trata-se de uma narrativa inteligente, tocante, divertida, extremamente realista e cativante, com um final surpreendente e emocionante.

por Cátia Teixeira



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Ponte de Caia, Moçambique